

Educação

DOM LOURENÇO DE ALMEIDA PRADO

- 9 FEV 1996

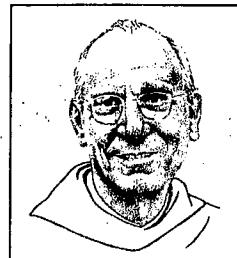
# Vestibular específico

ESTADO DE SÃO PAULO

**V**oltou a ruminar minhas apreensões com o rumo que o MEC estaria pretendendo dar ao ensino médio, ao lhe tirar a unidade e a integridade formadora com o esfacelamento em cursos (fala-se em cinco) específicos, para vestibulares específicos.

Como já se tem assinalado, o nível secundário do ensino recebeu, nestas últimas décadas, uma série crescente de tarefas, antes a cargo da família, da oficina e de outras expressões da vida social — educação moral, educação para a cidadania e para a saúde, educação para o trabalho e para o lazer, antes não, agora encargos seus. O amadurecimento de disciplinas como Física, Biologia, Química tornou-as integrantes da formação humanista; componentes indispensáveis do ensino médio. Isso para não falar em tantas outras educação — para o trânsito, para lidias bancárias ou de prevenção da Aids — que postulam um lugar no seu currículo.

Por outro lado, a universidade deixou de ser universal, isto é, formadora e integradora de cultura, passando a ser uma reunião administrativa de cursos desligados, profissionais e cada vez mais



## A tarefa de ajudar o homem a ser homem recai sobre o ensino secundário

não é só um animal de natureza, como o urso e a cotovia, mas um ser que nasceu para ser homem e só chega a sê-lo pela cultura.

Onde irá buscar esse homem a cultura? Não é mais na universidade, que, como assinalamos, não oferece mais a convivência de mestres e discípulos dos diversos ramos, para, numa troca de saberes, formar o culto.

Essa indispensável tarefa de ajudar o homem a ser homem, de lhe dar as aberturas fundamentais para tomar posse de sua dignidade de pessoa livre, recai, com quase exclusividade, sobre o ensino secundário. Esfacelá-lo, reduzi-lo a um preparador subalterno para um vestibular dito específico, chega a ser um crime contra a nobreza humana.

Por isso, ao tomar conhecimento da proposta do MEC, lembrei-me do relatório — *A Nation at Risk* —, de 1983, da comissão criada pelo governo americano para estudar a crise da sua educação. A crise era o esfacelamento e a in-cultura dele decorrentes. Diante disso, afirma o relatório: "Se uma nação estrangeira inimiga tivesse querido impor à América a mediocre realidade educacional que hoje existe, poderíamos, com razão, to-

ciedade se engrandece, se o homem não for grande. Vejo, nisso tudo, duas obsessões: o vestibular e o técnico, o *Homo faber* antes do *Homo sapiens*. E se têm razão os evolucionistas ao afirmarem que o *Homem habilis*, surgido quando a postura bípede liberou as mãos, não se tornou *habilis* senão porque, nesse momento, tinha chegado ao uso da palavra. No princípio a palavra, no princípio a inteligência.

Um artigo é um espaço pequeno para recordar tudo o que se tem dito sobre o problema, desde Eça de Queiroz, que descrevia o Brasil como *país de doutores*, de Francisco Campos, que vê (o que estamos ameaçados de rever) "o ensino secundário esvaziado de sua função eminentemente educativa, que é, precisamente, o desenvolvimento da faculdade de apreciações, de juízo e critério, essenciais a todos os ramos das atividades... reduzido, assim, a uma mera chancelaria de exames", até os educadores mais recentes.

Como Hutchins, Mortimer Adler e The Paideia Program. Ouçamos ao menos dois: um russo, do tempo do comunismo, Arseniev, e um americano professor de Engenharia, engenheiro do ano em Nova York, uns sete anos atrás, Sample. De Arseniev (*Transformations dans L'Enseignement Général*, in *Perspectives de L'Éducation* nº 2, 1970, pág. 39): "Privar um jovem da instrução geral... substituí-la por uma formação especializada antes que tenha podido manifestar-se naturalmente".

tion, IEEE Transaction on Education, maio 1988, vol. 31), professor de Engenharia Elétrica na Universidade de Illinois, depois de perguntar se a cultura geral deve ser tida como uma idéia romântica, que não tem mais sentido, hoje, e responder "firme e sem hesitação — não", propõe, no seu curso superior, parar com tudo o que estão ensinando, para uma volta total ao estudo da língua materna e da Matemática. Sem isso nada se aprende, com isso tudo se aprende.

Por fim, uma pergunta aos pregoeiros de colégio dividido segundo disciplinas específicas: o que é disciplina específica? Ou melhor, o que não é disciplina específica? Lembro-me de um relatório de professores da USP, há mais de 20 anos. Ponderava: "Antigamente, matemática não era tida como disciplina específica para medicina; quem ousará dizer isso hoje (há 20 anos)?" Será que ainda aparecerá alguém para afirmar que a língua materna, o Português, deve ser excluído dos cursos que não estão orientados para a poesia ou o jornalismo? Ou carecia de lúcida sensatez o caríssimo professor Piquet Carneiro, diretor, então, de uma faculdade de medicina, ao intimar um coordenador de colégio: "Ensinem vocês Português, Matemática e Inglês; deixem Biologia por nossa conta, que ensinamos melhor que vocês"? Chegamos, assim, a imaginar um curso e um vestibular versando sobre o inespecífico. Posto de parte o aspecto de sondagem